



O PRESIDENTE DA OAB DE SÃO PAULO, LUIZ FLÁVIO BORGES D'URSO, SOLICITOU QUE OS DESENHOS DO ARTISTA PERNAMBUCANO GIL VICENTE SEJAM BANIDOS DA BIENAL.



COM A AMEAÇA DE ACIONAR A JUSTIÇA, D'URSO ENTENDEU QUE AS OBRAS DE GIL VICENTE, INTITULADAS "INIMIGOS", SÃO UMA INCITAÇÃO AO CRIME.



SEGUNDO O AUTOR, OS DESENHOS NÃO FORAM PENSADOS PARA INCITAR A VIOLÊNCIA, "(...) EU NÃO MATARIA NINGUÉM, NEM QUERO QUE OUTRAS PESSOAS FAÇAM ISSO".



PARA O CRIMINALISTA E DOUTOR EM DIREITO PENAL DA USP, ALBERTO ZACHARIAS TORON, "(...) FALAR EM INCITAÇÃO AO CRIME É DE UMA GRANDE INCOMPREENSÃO SOBRE O PAPEL DA ARTE (...) E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO DO ARTISTA É GARANTIDA PELA CONSTITUIÇÃO DO PAÍS".



INIMIGOS Enquanto os políticos se engalfinham em busca de um espaço no poder, no universo da arte a 29ª Bienal de São Paulo se prepara para abrir suas portas com uma ampla reflexão sobre arte e política. Um debate que já chegou às ruas antes mesmo da abertura oficial. O presidente da OAB de São Paulo, Luiz Flávio Borges D'Urso, solicitou que os desenhos do artista pernambucano Gil Vicente sejam banidos da exposição. Com a ameaça de acionar a Justiça, D'Urso entendeu que as obras de Gil Vicente, intituladas "Inimigos", são uma incitação ao crime.

INSATISFAÇÃO O trabalho em questão faz parte da série de desenhos a carvão em que o artista pernambucano se retrata assassinando autoridades e figuras públicas, entre elas o presidente Lula, o ex-presidente Fernando Henrique, a rainha da Inglaterra e o papa Bento 16. As obras representam o desprezo do artista pelo poder constituído. Segundo o autor, os desenhos não foram pensados para incitar a violência, "(...) eu não mataria ninguém, nem quero que outras pessoas façam isso. A violência que eu retrato parte do próprio mundo político contra um país inteiro". Gil Vicente diz ainda que os quadros falam sobre insatisfação: "(...) nada muda na mão de políticos. O país continua cheio de miseráveis. A morte que eu apoio dessas pessoas é simbólica". Ele conclui afirmando: "(...) eu tenho consciência de que ter esperança nessas figuras é bobagem".

CENSURA A polêmica está na rua e Agnaldo Faria, um dos curadores da 29ª Bienal de São Paulo, afirma que as obras não serão retiradas e que a OAB/SP está incentivando a censura. Agnaldo diz ainda que: "(...) esse trabalho é uma ficção e vem do imaginário (...) na dramaturgia há inúmeros casos de representação de atentados contra instituições públicas (...) a OAB/SP vai pedir para que esses autores não sejam mais exibidos?" Para o criminalista e doutor em Direito Penal da USP, Alberto Zacharias Toron, a atitude do presidente da OAB é "tacanha". Ele afirma ainda que "(...) falar em incitação ao crime é de uma grande incompreensão sobre o papel da arte (...) e a liberdade de expressão do artista é garantida pela Constituição do país".

DESPREZAR NÃO É CRIME A artista plástica Leda Catunda também defende a exposição da obra de Gil Vicente e ironiza: "(...) eu assisti 'Rambo', e até agora não matei ninguém". A defesa da série "Inimigos" também foi incrementada pela visão do mestre em Direito pela Universidade de Harvard, o diplomata Alexandre Vidal Porto, que afirma: "(...) é legítimo e legal que uma obra de arte represente o desprezo do autor pelo poder constituído. Em um Estado democrático, todos têm o direito de sentir desprezo por qualquer pessoa ou instituição. Despre-

zar não é crime e, mais importante, todos temos direito de expressar o desprezo artisticamente".

ATO AUTORITÁRIO Alexandre Vidal Porto lembra ainda que "(...) mais valioso para o Estado de Direito é o espírito da Constituição Federal (...) mais importantes são as liberdades e os direitos individuais que servem de base e fundamento para o Estado de Direito e as instituições democráticas (...) a supressão de obras artísticas chama censura". Em artigo publicado na Folha de S. Paulo (21/9/2010), Vidal Porto afirma que o ato da OAB/SP é assustador por várias razões: "(...) primeiro, pelo caráter autoritário que revela (...) segundo, pelo entendimento equivocado que o motiva (...) e, finalmente, porque é cometido em nome da defesa do Estado de Direito e das instituições democráticas".

PAPEL DA ARTE O assunto também foi motivo de comentários nas editoriais de política. O jornalista Fernando de Barros e Silva escreveu, em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo, na última terça-feira, a seguinte afirmação: "(...) pode-se gostar ou não dos trabalhos, mas crime seria censurá-los". Barros entende que a postura do atual presidente da OAB de São Paulo, Luiz Flávio Borges D'Urso, "é oportunista e que sua compreensão de arte é rudimentar". Nestas alturas, vale perguntar: qual é o papel da arte? Para Agnaldo Farias, "(...) o papel do cientista, do artista e do intelectual é contrariar, não seguir pela norma, mas pela exceção (...) há hoje no Brasil uma alegria histórica, cultivada nos programas de TV (...) todo mundo quer banir o lado crítico, até mesmo nas universidades".

A BIENAL REFLETE A CONTRADIÇÃO O fato é que esta 29ª Bienal é feita a partir do Brasil, com questões que interessam ao Brasil, é o que afirma o outro curador da mostra, Moacir dos Anjos. Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo ele diz que "(...) os indicadores sociais mostram que, ao lado de desenvolvimento, ainda se tem índices alarmantes no Brasil, como a grande maioria da população não ter acesso a saneamento básico e um imenso analfabetismo (...) o Brasil é essa grande contradição (...) a Bienal reflete isso".

UM COPO DE MAR Com o título "Há sempre um copo de mar para um homem navegar" – verso do escritor alagoano Jorge de Lima –, a frase reflete o espírito da bienal e sugere a possibilidade de se criar um infinito a partir de muito pouco. É uma metáfora que traduz a capacidade de se reinventar e readquirir confiança a partir de gestos de contestação e atos provocadores. Afinal, criamos arte para quê, senão para nos ajudar a olhar o mundo sob novos prismas, novas formas e abrir outros caminhos. Rumos que o mundo da política e o mundo da justiça estão precisando aprender.